

O Herói Asiático: Relevância cultural da obra *Shang-Chi e a Lenda dos Dez Anéis* (2021)¹

Ellen Alves Lima²

Amanda Chinen³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

A presente pesquisa busca desvelar os elementos relativos à representatividade asiática no filme *Shang-Chi e a Lenda dos Dez Anéis* (Destin Cretton, 2021). A obra foi lançada no ano após o início da pandemia da covid-19, nessa época o ódio contra pessoas asiáticas ficou mais expressivo e intenso. Desse modo, compreende-se o contexto social no qual o protagonista asiático foi inserido. A partir de uma coleta de dados relacionados à exibição do filme e sua devida análise fílmica, propõe-se vincular conceitos contra-hegemônicos como os de Ono e Pham (2009) para examinar a obra cinematográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Marvel Comics; Representatividade; Asiático; Herói.

CORPO DO TEXTO

Atualmente o *Marvel Cinematic Universe* ocupa quatro colocações no top dez bilheterias do mundo, com três filmes da franquia *Avengers* (2012, 2018 e 2019) e o filme *Spiderman: No Way Home* (Jon Watts, 2021).⁴ Desse modo, compreende-se a magnitude dessas obras cinematográficas que desenvolveram seu gênero próprio, o de super-heróis. O autor Yuri Garcia acompanha esse fenômeno pela seguinte perspectiva:

De um lado, temos as grandes empresas Marvel e DC Comics, enquanto do outro, temos Hollywood. Os Estados Unidos possuem um forte espaço na propagação do imaginário cultural e no cenário econômico. Retornando ao processo de transposição, é também em solo estadunidense que esse fenômeno parece alcançar seu ápice mercadológico e cultural. Atualmente, os filmes baseados em HQs se tornam a grande tendência cinematográfica que dificilmente não se concretiza em um sucesso de público com grandes retornos financeiros para as suas produtoras. (GARCIA, 2023, p.118)

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Estudos Culturais e Identidades), evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Mestranda em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: ellen2000.a.l@gmail.com

³ Mestranda em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: amandanc20@gmail.com

⁴ Notícia disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/10-maiores-bilheterias-globais-da-historia#23>

O autor também enfatiza que das cem maiores bilheterias mundiais, até o ano de 2019, vinte e quatro seriam adaptações cinematográficas dos quadrinhos da Marvel e DC Comics. O estudo abarca até o ano de 2019 “– anterior ao início do processo de isolamento social e reconfiguração de práticas de consumo cinematográfico” (2023, p.118), por essa razão a presente pesquisa também busca apresentar o cenário sociopolítico após esse período com a obra *Shang-Chi e a Lenda dos Dez Anéis* (Destin Cretton, 2021).

Embora o *Marvel Cinematic Universe* obtenha uma gama de filmes com números exorbitantes de bilheteria há uma característica em comum em suas produções. Ao ampliar a observação sobre seus filmes, pode ser percebido que das sessenta e nove produções exibidas, sessenta e uma foram protagonizadas por homens (quatro eram negros e apenas um deles era asiático), oito por mulheres (apenas uma delas era negra). A maioria desses filmes foram protagonizados, dirigidos, roteirizados e produzidos por homens brancos cis e héteros.

Ao considerar que a partir do ano de 2017 surgiram mais personagens diversos, pode-se observar o efeito das manifestações sociais em grandes premiações de Hollywood, como: a #OscarsSoWhite em 2015 que destacava a falta de representatividade racial na premiação, a #MeToo em 2017 que surgiu após atrizes de Hollywood denunciarem produtores de cinema por assédio, dessa maneira, em janeiro de 2018 diversas atrizes compareceram ao Golden Globes vestindo roupas pretas em forma de protesto contra o assédio na indústria⁵. As adaptações cinematográficas da *Saga do Infinito* da Marvel Comics que surgiram com protagonistas diversos foram *Black Panther* (Ryan Coogler, 2018) e *Captain Marvel* (Anna Boden e Ryan 2019).

Ao refletir sobre o conceito de Imaginal da autora Chiara Botticci em *Imaginal Politics: Images beyond imagination and the imaginary* (2014) discute-se sobre a relação indivíduo, coletivo, imagens e por consequência política. Assim como, ao questionar a relevância das imagens no cotidiano da sociedade, torna-se possível identificar seu caráter dominante para a cultura. Desse modo, o projeto é capaz de prosseguir para as relações de poder que são estabelecidas na sociedade atual.

Ao longo da história, a ideia de Perigo Amarelo não se limitou a uma nação específica, mas sim a diferentes países do leste asiático. Assim, é possível refletir que,

⁵ Notícia disponível em: <https://www.revistaloficial.com.br/moda/por-que-todas-atrizes-de-hollywood-vaio-vestir-preto-no-golden-globes>

mesmo atualmente, a generalização persiste, muitas vezes tratando os asiáticos como se todos fossem iguais. Além disso, é possível perceber como o conceito de Perigo Amarelo está baseado na construção da imagem dos leste-asiáticos pelos ocidentais com base em estereótipos, manipulação política e uma longa história de hostilidade.

Em contrapartida a esse cenário que embasa o Perigo Amarelo, no início dos anos 1990 nos Estados Unidos, autores como Cohen (1992) e Delener e Neelankavil (1990) passaram a estudar como os asiáticos eram vistos pelos norte-americanos. Essas pesquisas, publicadas em revistas renomadas como o *New York Times Magazine*, celebravam os nipo-americanos e sino-americanos como exemplos de grupos minoritários que se destacavam devido ao seu compromisso com a educação, obediência à lei e laços familiares fortes (Hirata, 2019, p. 8-9). Assim, fortaleceu-se o estereótipo de uma comunidade trabalhadora, séria, inteligente. Essa visão ficou conhecida como Minoria Modelo e, aqueles que antes representavam o Perigo Amarelo passaram, pois, a serem vistos como trabalhadores dedicados, educados, prósperos e passivos.

Nesse contexto, Ono e Pham (2009), ao analisarem a representação dos asiáticos americanos nos filmes, provam que os asiáticos são estereotipados a partir desses dois conceitos: a Minoria Modelo, que retrata asiático-americanos como trabalhadores, obedientes e bem-sucedidos academicamente, e o Perigo Amarelo, que os apresenta como ameaças exóticas ou invasores. Segundo os autores, essas representações tendem a desumanizar os asiático-americanos e a reforçar ideias preconceituosas.

Ao considerar que a sociedade é dominada por imagens, que são organizadas por um caráter hegemônico (BOTTICCI, 2014, p.15), conseqüentemente essas imagens são afetadas e afetam às identidades de coletivos. Silvio Almeida em sua obra *Racismo Estrutural* (2019) indica que para atingir o conceito representatividade, as minorias teriam que participar dos processos de idealização e projeção do projeto. Portanto, trata-se de uma estrutura de jogos de poder tendo em vista que apesar de haver projeções demonstrando avanços no quesito de representatividade, os lucros ainda são direcionados para os devidos CEOs das grandes empresas, compreendemos esse fenômeno como *Woke Capitalism*.

Durante a pandemia da Covid-19, a doença, que teve seu início na China, evidenciou ainda mais o racismo anti-asiático (Tokusato, 2022), também conhecido como racismo amarelo. Nesse contexto, o vírus foi batizado de maneira racista e xenofóbica,

sendo rotulado por líderes políticos como o "vírus chinês". Isso contribuiu para a culpabilização do leste e sudeste asiático pelo surgimento do vírus, escancarando ainda mais o ódio contra asiáticos. Nesse contexto, desde o início da quarentena, em março de 2020, a comunidade amarela é vítima de casos crescentes de racismo e xenofobia (Martins, 2022, p. 25-27).

A violência foi crescentemente dirigida à comunidade asiática em decorrência da Covid-19 e, a partir disso, o movimento *#StopAsianHate* nas redes sociais ganhou força. Esse movimento passou a denunciar o aumento de crimes de ódio contra a comunidade Asiática-Americana e das Ilhas Pacíficas (AAPI) nos Estados Unidos, desempenhando um papel significativo no enfrentamento do racismo durante a pandemia (Martins, 2022, p. 25-27).

É nesse contexto que *Shang-Chi e a Lenda dos Dez Anéis* (2021) é lançado, em setembro de 2021, desafiando os estereótipos que a mídia insiste em perpetuar: do perigo amarelo ao mito da minoria modelo, os personagens asiáticos são representados ora como invasores, bárbaros, lutadores, ora como inteligentes, submissos e sem personalidade (Ono; Pham, 2009). Desse modo, Simu Liu ingressa no universo cinematográfico da Marvel Comics como o primeiro herói asiático. O presente trabalho tem como objetivo desvelar os elementos relacionados à representatividade asiática baseando-se nos autores citados acima, por meio da análise fílmica se atendo aos detalhes narrativos e de figurino.

Ao apresentar a complexidade da narrativa do protagonista e o caminho em busca de sua própria identidade, o filme permite compreender que pessoas amarelas são indivíduos complexos, únicos e não cabem em estereótipos. Abordar a questão da identidade é também uma forma de representatividade, uma vez que esse tema é uma questão recorrente entre a comunidade asiática nos países onde houve imigração. Isso porque os descendentes de países asiáticos, mesmo sendo nativos do país onde vivem, são vistos como estrangeiros.

De acordo com Huynh et al. (2011), os asiáticos-americanos são alvos do estereótipo do eterno estrangeiro, uma forma sutil de exclusão social, que afeta diretamente a identidade dos asiáticos americanos, gerando um conflito de identidade e consequências psicológicas para essa minoria. No enredo, é possível perceber como esses conflitos foram retratados de forma sensível, transmitindo a mensagem de que a vida é

um legado de todos os ancestrais que vieram antes e de que é necessário aceitar o lado bom e o lado ruim para entender a própria identidade.

O filme destaca a trajetória do herói na busca por autoconhecimento e demarcação de sua identidade. A partir de etapas da vida de Shang como, a criação de sua mãe que veio a falecer quando ele tinha sete anos. A criação de seu pai que o treinou para ser um assassino após a morte da esposa. E por fim, sua experiência a partir dos catorze anos até a vida adulta nos Estados Unidos. Shang almeja equilibrar suas experiências para seguir em frente, ao passo que, ainda busca se conciliar com o pai e a irmã. Desse modo, a narrativa da produção fílmica trabalha o conceito de identidade e família.

Na primeira cena em que aparece o protagonista, ironiza-se o estereótipo da minoria modelo: Shang-Chi, ao se arrumar para trabalhar, se veste com roupa social - camisa e gravata - e, em seguida, aparece um carro chique, insinuando que Shang-Chi estaria chegando ao trabalho. Nesse sentido, o filme instiga o espectador a imaginar que o herói, confirmando o estereótipo de Minoria Modelo, seria bem-sucedido em sua profissão. Entretanto, a cena logo mostra a realidade: o protagonista é o manobrista do estacionamento e o carro não lhe pertence, trazendo essa quebra de expectativa ao mostrar que o herói não está performando os estereótipos.

Outra cena que rompe com esse ideal é quando Shang-Chi e sua melhor amiga Katy conversam sobre responsabilidade e comentam que é melhor descansarem, uma vez que já estava tarde e teriam que trabalhar no dia seguinte. Entretanto, a cena seguinte apresenta os dois em um karaokê, contrariando a ideia de que todo asiático é obediente e prudente. Katy, assim como Shang, demonstra uma certa dificuldade com seu autoconhecimento, pois ainda não escolheu uma carreira e lamenta por ser indecisa. No final da obra a coadjuvante descobre aptidão para utilizar o arco e flecha e assim conclui sua jornada em busca de uma carreira.

Ainda, é possível abordar teorias de performance de gênero a partir da Xialing, irmã de Shang-Chi. Pois, ela não teve o mesmo tratamento que seu irmão. Por ser mulher, criada pelo pai, ela foi impedida de aprender a lutar. Entretanto, a personagem conseguiu aprender a lutar sozinha e construiu uma arena de combate clandestina em Macau. Essa narrativa contraria o estereótipo da mulher asiática como dócil e submissa, contribuindo para a representatividade asiática feminina.

Por fim, em relação ao Wenwu, pai de Shang-Chi, ainda que seja difícil desenvolver um antagonista asiático sem que o personagem remeta ao Perigo Amarelo, o filme consegue humanizar o antagonista, trazendo sua história e suas motivações: o amor e a vontade de estar perto de sua esposa. Essa abordagem é interessante para mostrar que Wenwu não é simplesmente um vilão perigoso e maligno, mas que, no fim, é uma pessoa com suas complexidades e questões.

Assembled: The making of Shang-Chi Legend of the ten rings (2021) apresenta com mais detalhes como a obra cinematográfica utiliza majoritariamente referências da cultura chinesa. Desde as artes maciais como o Kung-Fu e o Tai Chi, a direção de arte baseando-se nos cinco elementos fundamentais (metal, madeira, fogo, água e terra), as criaturas mágicas como a raposa de nove caudas, até características comportamentais como a disciplina de respeitar e ouvir os mais idosos. Portanto, a obra focou suas referências em uma cultura asiática específica, a chinesa, fugindo de uma aproximação mais genérica e vazia.

Shang-Chi ingressa no universo cinematográfico da Marvel como o primeiro herói asiático em uma produção fílmica com pouco mais de duas horas de duração. Podemos observar que além do protagonista os três coadjuvantes, que também são asiáticos, rompem com diversos estereótipos amarelos citados acima. Dessa maneira, preenche-se o imaginário com imagens de pessoas asiáticas como heróis com as suas devidas pluralidades.

O orçamento da obra foi aproximadamente 200 milhões de dólares, enquanto a bilheteria foi 432,2 milhões de dólares. Portanto, percebe-se que houve lucro e o filme atingiu o grande público mesmo um ano após a pandemia da Covid-19. Apesar dessas informações, ao observar a lista de produtores e CEOs da Marvel, Victoria Alonso, Jamie Christopher, Louis D'Esposito, Kevin Feige, David J. Grant, Matthew Jenkins, Mary Livanos, Jonathan Schwartz, percebe-se que a maioria é composta por um caráter hegemônico. É preciso problematizar como a maior parte do lucro foi direcionada para esse grupo.

Logo, a projeção de Shang-Chi com um diretor asiático, Destin Cretton e com um roteiro escrito por duas pessoas asiáticas e uma branca, Destin Cretton, David Callahan e Andrew Lanham, tem sim fatores interessantes para se discutir o termo representatividade. Em contrapartida, evidencia-se o *Woke Capitalism* ao notarmos que é

uma narrativa impulsionada por um grupo hegemônico que dentre suas motivações está a busca pelo lucro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BOTTICI, Chiara. **Imaginal Politics: Images beyond imagination and the imaginary**. New York: Columbia University Press, 2014.

CHEN, An. **On the Source, Essence of “Yellow Peril” Doctrine and its Latest Hegemony “Variant” – the “China Threat” Doctrine: From the Perspective of Historical Mainstream of Sino-Foreign Economic Interactions and Their Inherent Jurisprudential Principles**. The Journal of World Investment & Trade, Martinus Nijhoff Publishers, vol.13, 2012.

COHEN, Judy. **White consumer response to Asian models in advertising**. Journal of Consumer Marketing, v. 9, n. 2, p. 17-23, 1992.

DELENER, Nejdete; NEELANKAVIL, James P. **Informational sources and media usage**. Journal of Advertising Research, v. 30, n. 3, p. 45-52, 1990.

GARCIA, Yuri. **Comic Books in Silver Screens: um mapeamento das transposições de HQs no Cinema hollywoodiano**. Goiânia: **Revista Comunicação e Informação**, 2023

HIRATA, Douglas Yuri. **Yellow Peril, Model Minority and the Racial Triangulation**. Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4896874/mod_resource/content/1/HIRATA_%20DOUGLAS_The%20yellow%20peril%20%28race%29.pdf. Acesso em: 30 abr. 2024.

HUYNH, Que-Lam; DEVOS, Thierry; SMALARZ, Laura. **Estrangeiro perpétuo na própria terra: Implicações potenciais para a identidade e o ajustamento psicológico**. **Revista de psicologia social e clínica**, v. 30, n. 2, pág. 133-162, 2011.

MARTINS, Érica Ferreira. **# BlackLivesMatter, # StopAsianHate e BTS: reflexões sobre análise do discurso digital e movimentos sociais na Web**. 2022.

TOKUSATO, L. **Coronavírus: A nova variante do perigo amarelo**. **ÂNDÉ: Ciências e Humanidades**, v. 6, n. 1, p. 46-58, 27 abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/iande/article/download/565/435/1656>. Acesso em: 30 abr. 2024.